

Marcas teológicas da Reforma protestante*

Joachim Fischer

Neste estudo, as marcas teológicas da Reforma protestante serão abordadas preferencialmente a partir da corrente iniciada por Martim Lutero. Mas serão destacadas sobretudo aquelas marcas teológicas que são comuns a **todo** o movimento da Reforma do século XVI.

Trataremos do tema com espírito ecumênico. No contexto do século XVI, a Reforma levou à ruptura entre os cristãos. Em nosso tempo, porém, o principal desafio para os cristãos é a “busca comum da verdade que nos une”¹. Seguiremos o caminho indicado pelas declarações que católicos e luteranos fizeram em conjunto, em 1980 e 1983, quando foram comemorados, respectivamente, os 450 anos da Confissão de Augsburg e os 500 anos do nascimento de Lutero.

Entendemos a Reforma protestante como um movimento de ampla repercussão popular, que testemunhou o evangelho, apontou para a importância da fé na vida do cristão, da igreja e da sociedade e chamou a igreja à constante renovação.

1. O centro orientador da Reforma: a justificação somente pela fé

Há um amplo consenso, hoje em dia, de que o centro orientador da teologia e da prática da Reforma protestante foi a justificação do pecador, por parte de Deus, somente pela fé. Nisso concordam com os próprios protestantes também católicos, como Leonardo Boff², e marxistas, como o historiador Gerhard Brendler³.

1 — COMISSÃO MISTA CATÓLICO-LUTERANA INTERNACIONAL. Martim Lutero — testemunha de Jesus Cristo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 23(3):294, 1983.

2 — BOFF, Leonardo. **E a igreja se fez povo**; eclesiogênese: a igreja que nasce da fé do povo. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1986. p. 170.

3 — BRENDLER, Gerhard. Revolutionäre Potenzen und Wirkungen der Theologie Martin Luthers [Potencialidades e efeitos revolucionários da teologia de Martim Lutero]. In: LÖWE, Hartmut & ROEPKE, Claus-Jürgen, ed. **Luther und die Folgen**; Beiträge zur sozialgeschichtlichen Bedeutung der lutherischen Reformation [Lutero e as conseqüências; contribuições referentes ao significado da Reforma luterana para a história social]. München, Kaiser, 1983. p. 167-8.

* Neste estudo trata-se da versão revisada de uma palestra proferida em 29 de outubro de 1987 em São Paulo, num curso sobre a Reforma protestante.

Lutero descreveu sua descoberta da justificação, no sentido evangélico da palavra, com grande clareza e precisão no prefácio ao primeiro volume da edição completa de seus escritos latinos⁴. Para ele, a descoberta teve um profundo sentido libertador: sentiu-a como entrada no paraíso.

Justificação pela fé significa que Deus toma a iniciativa para buscar o pecador. Não exige do pecador nenhuma obra prévia. Ao contrário, dá-lhe sua graça como presente. Aceita os pecadores incondicionalmente. Jesus, seu representante na terra, aceitou a prostituta (Jo 4.1-30), o malfeitor que foi crucificado com ele (Lc 23.39-43), o cobrador de impostos odiado por todos (Lc 5.27-28) - e também o discípulo que o negara três vezes (Jo 21.15-19). Tinha comunhão de mesa com "pessoas de má fama" (Mt 9.11) e foi criticado por causa disso (Lc 15.1-2). Evidenciou que Deus está aí para os perdidos (Lc 15.11-32), para os que sofrem (Mt 15.30), para os que não têm vez entre seus semelhantes (Mt 15.21-28). Frequentemente, porém, entrou em conflito com os respeitáveis líderes de seu povo (Mc 14.53-65). Em resumo, Jesus veio "para chamar os pecadores, e não os bons" (Mc 2.17; Mt 9.13). Essa verdade bíblica, a justificação somente pela fé como aceitação incondicional, foi redescoberta pela Reforma protestante.

Essa verdade questiona os valores vigentes na sociedade. Costuma-se avaliar as pessoas a partir daquilo que possuem ou produzem. Os que não produzem nada que possa ser comercializado, como crianças, doentes e velhos, são marginalizados. A mensagem da justificação pela fé é um protesto contra tal marginalização: o valor da pessoa não depende da quantidade de bens que possui, nem daquilo que produz; depende unicamente de Deus.

Para a Reforma, a justificação pela fé é dádiva e compromisso. Recebemos gratuitamente a ajuda de Deus. Disso decorre o compromisso de nós ajudarmos os necessitados ao nosso redor. Segundo Lutero,

"fomos socorridos pela graça divina em Jesus Cristo. (...) Deus socorreu-nos gratuitamente por Cristo. Auxiliemos nós também ao próximo com todas as obras de nosso corpo."⁵

4 — LUTERO, Martinho. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos. In: — **Pelo evangelho de Cristo**; obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Trad. de Walter O. Schlupp. Porto Alegre, Concórdia; São Leopoldo, Sinodal, 1984. p. 30-1.

5 — LUTERO, Martim, **Da liberdade cristã**. Trad. de Leônidas Boutin e Heinz Soboll. 3. ed. São Leopoldo, Sinodal, 1979. p. 43.

Para Leonardo Boff, em seu livro "E a igreja se fez povo",

"a tese básica [de Lutero] da justificação pela fé" significa "uma radical libertação, pois (...) quer dizer que o ser humano está livre de todas essas exigências [de cumprir as leis estabelecidas pelas autoridades eclesiásticas e de "tentar (...) produzir a salvação"] a fim de estar livre para acolher a graça e a misericórdia como puro dom e oferecimento gratuito do Pai"⁶.

2. Liberdade cristã

A Reforma expressou o conteúdo do conceito teológico "justificação pela fé" também de forma popular, na linguagem da liberdade cristã. Essa mensagem teve repercussão incrível nas mais diversas camadas da sociedade. Um desenho da época mostra Lutero, apontando para Cristo, ao lado da consciência libertada, com a corrente que prendera a consciência, quebrada. Juntos estão o povo e a juventude. Nos fundos, o magnífico edifício da sé romana aparece como ruína⁷. Muitos, de fato, sentiram-se presos dentro da ordem eclesiástica e social de seu tempo. Falava-se do cativo babilônico da igreja: a instituição prevaleceu sobre as pessoas. A Reforma arrombou esta prisão. Colocou os presos em liberdade. Quanto à igreja, a Reforma foi um movimento libertador⁸.

A liberdade cristã, no entender da Reforma, fundamenta-se exclusivamente na palavra de Deus, que é "a pregação de Cristo (...) contida no Evangelho"⁹. Confiando nessa palavra, a Reforma enfrentou as autoridades mais poderosas de seu tempo.

Em 1521, o monge agostiniano Lutero, catedrático na universidade de Wittenberg, foi convocado pelo imperador Carlos V para comparecer perante a assembléia dos representantes políticos da Alemanha, reunida na cidade de Worms. Tentava-se extinguir o foco de rebelião que ameaçava mudar profundamente a igreja, com inúmeras implicações em ou-

6 — BOFF, Leonardo. op. cit.

7 — THULIN, Oskar. **Martin Luther**; sein Leben in Bildern und Zeitdokumenten [Martim Lutero; sua vida em imagens e documentos contemporâneos]. München, Deutscher Kunstverlag, 1958. Ilustração n. 31 [desenho de Peter Vischer Júnior, de 1524].

8 — BOFF, Leonardo. op. cit., p. 167 ("Lutero libertador na Igreja") e 169 ("Libertação do cativo babilônico da Igreja").

9 — LUTERO, Martim. op. cit., p. 12.

tros setores da vida. Diante da assembléia, Lutero se negou a revogar suas publicações e afirmações em que criticara a situação existente:

“Caso eu não for convencido pelo testemunho das Escrituras ou por argumentos evidentes¹⁰, eu estou preso em minha consciência pela palavra de Deus. Por isso não posso nem quero retratar-me; porque não está certo nem é salutar agir contra a própria consciência.”¹¹

A consciência presa pela palavra de Deus, mas livre diante de qualquer poder humano — nisso consiste a “incrível liberdade interior” que a Reforma proclamou e que, segundo as palavras de Leonardo Boff, se tornou “bandeira de libertação para os outros cristãos”¹².

A Reforma entende a liberdade cristã como liberdade comprometida: é liberdade **de** imposições desnecessárias e inúteis **para** o serviço ao próximo. “Um cristão”, escreve Lutero em seu famoso tratado “Da liberdade cristã”, “é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém” — livre pela palavra de Deus. Mas, ao mesmo tempo, “um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos” - pelo amor¹³.

Algumas correntes da Reforma negaram aos cristãos a participação na vida política. Mas para a grande maioria, a liberdade cristã inclui a liberdade, o direito e o dever de participar ativamente na vida política, social e econômica. A Reforma foi contrária à retirada dos cristãos do mundo. Insistiu nisso diante de propostas que sugeriram aos cristãos uma vida falsamente “espiritual”, uma vida a-histórica e apolítica. Pois, como escreveu Lutero, “o cristão não vive em si mesmo”; podemos acrescentar: nem para si mesmo, “mas em Cristo e no próximo. Em Cristo, pela fé, e no próximo, pelo amor”¹⁴.

3. A fé atuante

Para a Reforma, a vida cristã é vida na fé e a partir da fé. O que sustenta o cristão, sobretudo nos momentos mais difíceis da vida, até a hora da morte, é a fé, a confiança plena e irrestrita naquele Deus que se

10 — Outra tradução (do latim) das palavras de Lutero reza, em vez de “pelo testemunho (...) evidentes”: por argumentos corretamente tirados da Escritura (STROHL, Henri. **O pensamento da Reforma**. Trad. de Aharon Sapsejian. São Paulo, ASTE, 1963. p. 72).

11 — cf. FISCHER, Joachim. Um monge enfrenta o assembléia. In: — **Pedras vivas: personagens da história da Igreja cristã**. Trad. de Godofredo e Ruth Boll. São Leopoldo, Sinodal, 1978. p. 19.

12 — BOFF, Leonardo. op. cit., p. 170.

13 — LUTERO, Martim. op. cit., p. 9.

14 — *ibid.*, p. 48.

tornou humano em Jesus Cristo. A “única prática dos cristãos”, escreve Lutero, deveria ser “exercitar-se e fortalecer-se sem cessar” na fé¹⁵. A fé é “uma riqueza incalculável”¹⁶. Ela — somente ela — “justifica, liberta e redime”¹⁷. A fé aceita Deus como o verdadeiro Senhor sobre todos os poderes e derruba todos os ídolos. Falando a linguagem da mística, Lutero atribui à fé o poder de unir a alma com Cristo e de efetuar a comunhão de bens entre ambos, como que num casamento: Cristo toma sobre si a maldade e o pecado da alma; em troca lhe dá sua justiça e bem-aventurança¹⁸.

Quando se fala da fé, fala-se necessariamente também de Deus. Crer em Deus, na compreensão da Reforma, não significa aceitar uma doutrina sobre Deus. Significa prender o coração em alguém ou algo. A Reforma advertiu os contemporâneos contra a “fé” em falsos deuses. Destacou, entre estes, “dinheiro e bens” como o falso deus mais adorado na terra¹⁹. O 1º mandamento exige fé no verdadeiro Deus. A Reforma critica os que se sentem seguros e felizes quando possuem bastante dinheiro e bens.

A época da Reforma é a época da transição do feudalismo para o capitalismo mercantil, a época das grandes casas bancárias, como a dos Fugger, que financiaram imperadores, reis e papas, a época dos monopólios comerciais e da incipiente exploração colonial da América Latina com a conseqüente acumulação de riquezas na Europa. Lutero criticou duramente aqueles aspectos desse processo que conseguiu perceber. Para ele tratava-se de um caso de adoração do falso deus Mâmon.

Falar de Deus e da fé em Deus, na situação histórica da Reforma, não podia ser um assunto puramente “espiritual”. Tornou-se imediatamente uma questão concreta e atual. Juntamente com a questão de Deus está em jogo a questão sócio-econômica. Quem é nosso Deus? Aquele que em Cristo se tornou humano, humilde, pobre? Ou dinheiro, bens, poder? Ou ainda outra coisa?

A Reforma proclamou a tese de que não podemos fazer nada para “produzirmos” a salvação. Disso freqüentemente se conclui que os protestantes eliminam o que a tradição teológica chama de boas obras.

15 — *ibid.*, p. 13.

16 — *ibid.*, p. 14.

17 — *ibid.*, p. 15.

18 — *ibid.*, p. 19-20.

19 — LUTERO, Martinho. *Catecismo maior*. In: *LIVRO DE CONCÓRDIA*; as confissões da igreja evangélica luterana. Trad. de Arnaldo Schüller. São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1980. p. 395.

Isso é um mal-entendido. A Reforma não sugere a passividade. Não conhece o conceito de uma fé ociosa e vazia. A fé é sempre atuante. Como Deus, palavra de Deus e fé não podem ser separados, também não podem sê-lo crer e agir. Conforme Lutero,

“fé verdadeira (...) é uma obra divina em nós, que nos modifica e faz renascer de Deus (Jo 1.13) (...) há algo muito vivo, atuante, efetivo e poderoso na fé, a ponto de não ser possível que ela cesse de praticar o bem. Ela também não pergunta se há boas obras a fazer, e sim, antes que surja a pergunta, ela já as realizou e sempre está a realizar. Quem, porém, não realiza tais obras, é pessoa sem fé (...) [A fé] se dispõe voluntariamente a fazer o bem a todo mundo, a servir a todo mundo, (...) de sorte que é impossível separar as obras da fé, tão impossível como separar a luz do fogo.”²⁰

Neste ponto a Reforma questiona até hoje seus próprios herdeiros.

4. Coragem evangélica

A Reforma protestante foi promovida por pessoas motivadas e encorajadas pelo evangelho. Essa coragem evangélica é uma marca teológica importante da Reforma. A Reforma não se deixou intimidar pela memória histórica dos movimentos populares medievais que tentavam reformar a igreja, mas geralmente haviam sido eliminados a ferro e fogo. Nem desanimou diante das muitas tentativas de suprimi-la. Ela teve a coragem de fazer suas propostas e de apresentar suas exigências também em circunstâncias adversas. Teve a coragem de ficar firme em momentos decisivos, mesmo quando correu grandes riscos. Teve a coragem de protestar quando se tentava restringir a liberdade já conquistada.

A coragem evangélica transparece claramente no hino que Friedrich Engels chamou uma vez de “a marselhesa do século XVI”²¹:

20 — LUTERO, Martinho. Prefácio à epístola de São Paulo aos romanos. In: — **Pelo evangelho de Cristo** [v. acima n. 4]. p. 184.

21 — ENGELS, Friedrich. *Dialektik der Natur* [Dialética da natureza]. In: GLASER, Hermann & STAHL, Karl Heinz, ed. **Luther gestern und heute**; Texte zu einer deutschen Gestalt [Lutero ontem e hoje; textos relativos a um personagem alemão]. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, 1983. p. 236. (Fischer Taschenbuch, 3477)

“Se inúmeros demônios vêm, querendo exterminar-nos:
sem medo estamos, pois não têm poder de superar-nos.
(...)
Se a morte eu sofrer, se os bens eu perder:
que tudo se vá! Jesus conosco está.
Seu reino é nossa herança!”²²

O hino é cantado, até hoje, com grande entusiasmo, sobretudo nas comunidades luteranas. Mas precisamos perguntar se ficaríamos tão firmes, caso realmente nos tirassem a vida, bens, honra, filhos, filhas e mulher, como reza a versão original, em alemão!? Seríamos capazes de dizer com convicção e firmeza: “que tudo se vá!”?

5. Renovação constante da igreja

A Reforma teve a coragem e tomou a liberdade de mudar a igreja. Entendeu-a como o povo de Deus a caminho da meta estabelecida por Deus, ou seja, os novos céus e a nova terra prometidos na Bíblia (Ap 21.1). A igreja precisa constantemente de renovação através e a partir da palavra de Deus. Isso inclui a liberdade crítica frente à tradição. A renovação tem por objetivo fazer valer de novo, na igreja, aquilo que é essencial para sua existência. Sob as condições do século XVI, o essencial eram a pregação da palavra de Deus e os sacramentos do batismo e da ceia do Senhor, dos quais o Novo Testamento afirma expressamente a instituição por Cristo.

Em comparação com a tradição, a redução no número de sacramentos às vezes é interpretada como empobrecimento sacramental das igrejas protestantes. Na verdade, a Reforma quis apenas destacar, naquele tempo, o que entendeu ser indispensável na vida comunitária. Não aboliu outras cerimônias, como a confissão dos pecados, a ordenação para o ministério e a bênção matrimonial. Só não as considerou como sacramentos, isto é, palavra de Deus visível.

Deve-se acrescentar que nas igrejas protestantes a música é muito importante na divulgação do evangelho. Os hinos sempre foram uma das principais fontes e expressões de espiritualidade protestante. O luterano Johann Sebastian Bach até já foi chamado o 5º evangelista. Pelo menos no luteranismo e no anglicanismo há muito espaço e grande li-

22 — Hino de Lutero, baseado em Sl 46: “Deus é castelo forte e bom”, v. [IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, ed.] **Hinos do povo de Deus**; hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 3. ed. São Leopoldo, Sinodal, 1982. Hino 97.

berdade para a riqueza litúrgica nos cultos. É verdade que no calvinismo o culto é mais simples. Mas deve-se duvidar muito de que João Calvino possa ser caracterizado como “um maníaco da tristeza e desolação de espírito”, como se pode ler num livro (pouco ecumênico) publicado em São Paulo, em 1980, por uma respeitável editora²³.

5.1. Igreja da palavra

Renovação da igreja significa liberdade para a palavra de Deus. É o cerne da questão. Mas a palavra de Deus atinge as pessoas dentro de sua história e realidade. A liberdade da palavra de Deus tem imediatamente implicações bem concretas. Uma implicação econômica era até o estopim da Reforma. Lutero tocou na questão das indulgências. Assim abalou a base financeira de toda uma estrutura de poder. Chamou a igreja para sua tarefa evangélica, afastando as preocupações financeiras da instituição. A Reforma sugeriu o uso comunitário dos rendimentos que haviam sido da igreja, sua aplicação para o bem comum, como o pagamento de pastores e professores, a manutenção de escolas, a assistência aos necessitados.

A libertação da exploração financeira explica em boa parte a rapidez com que a Reforma avançou entre o povo. Porém, muitas vezes a libertação não aconteceu em favor do povo. A cobiça dos príncipes apoderou-se daquilo que havia sido tirado da igreja. Mas fica como advertência a tese básica da Reforma: a igreja lida com a palavra de Deus, não com o poder.

5.2. Igreja dos iguais

Para a Reforma, a igreja é basicamente congregação e comunhão de pessoas em torno do evangelho; não é instituição ou organização nem apenas comunhão espiritual. Ela é o povo de Deus, o povo cristão, porque crê em Cristo, o povo santo, porque é santificado pelo Espírito Santo²⁴. Neste ponto, motivo de divisão no século XVI, acontece, hoje, uma aproximação considerável entre as igrejas.

Fundamental para a vida da congregação cristã é, no entender da Reforma, a igualdade de todos os seus membros em relação à palavra

23 — MONGE, A. & SIMONETTO, B. **História da igreja em quadrinhos**; os doze a caminho. São Paulo, Paulinas, 1980. p. 225.

24 — cf. FISCHER, Joachim. O conceito “igreja” de Lutero segundo seus escritos “Dos concílios e da igreja” e “Contra Hans Worst”. Trad. de Werner Dietz e Rubens Horst. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 6(3): 161-2, 1966.

de Deus. Trata-se do sacerdócio geral de todos os crentes (fiéis). Não há distinção qualitativa entre clero e leigos, como a tradição dizia. A Reforma superou essa distinção teologicamente: todos são sacerdotes, pois todos foram batizados. Pelo batismo, a pessoa torna-se seguidor de Cristo, o grande sumo sacerdote (Hb 2.17). Conseqüentemente, pelo batismo a pessoa é ordenada sacerdote.

A Reforma entende o sacerdócio geral dos cristãos como doutrina bíblica²⁵. Afirma que cada cristão tem a autorização e a incumbência de efetuar o serviço sacerdotal, ou seja, pregar a palavra de Deus, batizar, celebrar a ceia do Senhor, absolver (ou não) pecados, interceder por outros e julgar doutrinas quanto à sua concordância com o evangelho. O sacerdócio geral visa o outro. Assim como Cristo intercede diante do Pai por nós, nós intercedemos uns pelos outros e pelo mundo. O sacerdócio contraria frontalmente todo egoísmo. Nesse sentido a Reforma interpreta também o termo "sacrifício": o cristão se dá em favor dos que disso necessitam. Assim o cristão torna-se como que "um cristo" para os outros. Dos três aspectos, pois, que a tradição distingue na obra de Cristo (sacerdócio, profecia, senhorio) e nos quais os cristãos seguem a seu Senhor, a Reforma destacou principalmente o sacerdócio.

Na época da Reforma, a angústia fazia parte da vida. As pessoas tinham uma consciência viva de pecado e culpa, bem como idéias bastante realistas sobre ira divina e inferno, como se pode ver nas obras de arte da época. Em meio àquela situação, a prática do sacerdócio geral de todos os fiéis tornou-se muito importante para o dia-a-dia das pessoas. A Reforma encorajou e motivou os cristãos a se ajudarem mutuamente em suas angústias através da conversa fraterna, da confissão dos pecados e da absolvição. **Todos** podem e devem fazer isso. Para nós, do século XX, essa libertação de angústia e desespero pode parecer pouco. Mas foi uma ajuda decisiva numa época em que toda a realidade foi vista na perspectiva da religião.

Com base no sacerdócio geral de todos os fiéis, a Reforma atribuiu à comunidade cristã amplos direitos. A comunidade até pode convocar e demitir pastores e avaliar sua pregação e doutrina. A Reforma rompeu com a tradição que considera essas tarefas como direito exclusivo da hierarquia. Na concepção da Reforma, a igreja de Jesus Cristo torna-se manifesta nas bases, no meio do povo cristão, reunido em comunidade.

25 — Ao falar do sacerdócio geral dos cristãos, Lutero costuma citar sobretudo Jo 6.45; Sl 45.7b (Almeida); 1 Pe 2.9 ("sacerdócio real"); Ap 5.10.

Teologicamente a Reforma defendeu o princípio da igreja a partir das bases, embora a prática, mais tarde, muitas vezes tenha sido diferente:

“cada cristão tem a palavra de Deus e foi instruído e ungido por Deus para ser sacerdote (...) Tendo eles a palavra de Deus (...), também têm o dever de confessar, ensinar e difundir-la”²⁶;
 “a comunidade que tem o evangelho, pode e deve escolher e convocar em seu próprio meio aquele que ensina a palavra em seu nome”²⁷.

Nas igrejas da Reforma há, até hoje, ampla participação dos que não são pastores e teólogos formados, inclusive nos grêmios diretivos em todos os níveis. Cabe aos pastores deixar-lhes espaço suficiente e não monopolizar a palavra e as decisões.

Liberdade, autoridade e direitos dos cristãos e da comunidade têm um ponto de referência fundamental: estão debaixo da autoridade última da palavra de Deus.

A idéia do sacerdócio geral tem afinidade com a idéia da democracia. No século XVI, no entanto, somente grupos minoritários, e esses duramente perseguidos em todos os lugares, tentaram elaborar a idéia da igualdade cristã também em suas dimensões políticas e econômicas. A grande maioria restringiu-se à dimensão eclesial. Evidenciam-se aqui limitações da Reforma, inevitáveis naqueles tempos, mas não válidas para todos os tempos.

6. A nova maneira de encarar a Bíblia

Em todos os seus ramos, a Reforma protestante foi um movimento de “profunda vinculação bíblica”²⁸. Tanto em suas críticas como em suas propostas de mudança baseou-se sempre na autoridade da Bíblia. Considerou-a como sendo o testemunho autêntico da palavra viva de Deus, Jesus Cristo. Somente a Bíblia arrebatava as pessoas e atinge seu coração²⁹. Somente ela pode servir como guia na procura de verdade e salvação. Ela é, segundo a formulação de uma confissão luterana do sé-

26 — LUTERO, Martinho. Fundamento e motivação da Escritura para o direito e a autoridade de uma assembléia ou comunidade cristã julgar sobre toda doutrina, chamar, nomear e demitir professores [= pregadores]. In: — **Pelo evangelho de Cristo** [v. acima n. 4], p. 197.

27 — *ibid.*, p. 199.

28 — Esta expressão é usada em relação a Lutero por BOFF, Leonardo. *op. cit.*, p. 177. Mas caracteriza toda a Reforma.

29 — CALVINO, João, ap. STROHL, Henri. *op. cit.*, p. 84.

culo XVI, “a única regra e norma segundo a qual devem ser (...) julgadas (...) doutrinas e (...) mestres”³⁰. Na Bíblia se tem, de acordo com uma confissão calvinista, “a mais completa exposição de tudo o que se refere à fé salvadora e à norma de uma vida aceitável a Deus”³¹. É impressionante a presença da argumentação bíblica nas publicações da Reforma, não apenas quando falam sobre questões de fé, mas também quando falam sobre questões tão materiais como a taxa de juros, o endividamento do pequeno agricultor ou as verbas para o ensino público. Não se trata de uma presença somente formal, isto é, a citação de um ou outro versículo bíblico. Transparece o espírito da Bíblia.

Os líderes da Reforma foram notáveis exegetas da Bíblia. Mas a Reforma quis que o próprio povo tivesse acesso direto à Bíblia. Estimulou traduções melhores ou inteiramente novas para a língua da respectiva população. A de Lutero (para o alemão) tornou-se algo assim como um patrimônio nacional. Ainda não estava ao alcance de todos possuir um exemplar da Bíblia, devido aos elevados custos. Mas conheceu-se bem o conteúdo da Bíblia. Até grupos populares, como os camponeses na Alemanha, argumentaram a partir da Bíblia, muitas vezes assessorados por agentes pastorais da época.

A Reforma rompeu com o método medieval de interpretar a Bíblia. Para abranger toda a riqueza e profundidade da mensagem bíblica, o método atribui à Bíblia nada menos do que 4 sentidos diferentes, a saber, o literal, o alegórico, o moral e o escatológico. Desta maneira, porém, a exegese tornou-se arbitrária e confusa.

Para a Reforma, a Bíblia tem um único centro, Cristo. A partir desse centro ela deve ser entendida e explicada. A Reforma propõe a leitura cristocêntrica da Bíblia, pois Cristo, a palavra viva, é o Senhor da Escritura. A suprema autoridade na igreja não é a Bíblia como palavra escrita e impressa, como letra; a suprema autoridade é Cristo, o crucificado, resurreto, vivo.

30 — LIVRO DE CONCÓRDIA [v. acima n. 19]. p. 499.

31 — Segunda confissão helvética [redigida em 1562], c. 1. In: [IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA]. **A constituição da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América: parte I: livro de confissões**. São Paulo, Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969. 5.002.

7. Jesus Cristo: o Deus humano

A teologia da Reforma protestante é como que um extenso comentário a 1 Co 1.23,18:

“nós anunciamos o Cristo crucificado — a mensagem que é ofensa para os judeus e loucura para os não-judeus”, “mas para nós (...) é o poder de Deus”.

O tema central da teologia, no entender da Reforma, são Deus e o ser humano em seu relacionamento mútuo: Deus, manifesto em Jesus de Nazaré, e o ser humano, salvo unicamente por causa de Cristo. Cristo personifica a graça de Deus. Lutero escreveu:

“Deus promete sua graça a ninguém, a não ser em Cristo e através de Cristo (...) Tudo está incluído (...) em Cristo.”³²

Cristo é o Deus encarnado, humano, que abandonou tudo o que tinha para se tornar servo. Fp 2.6-11 foi um dos textos cristológicos prediletos da Reforma. Cristo é “o espelho do coração paterno de Deus”³³. Nele Deus nos abre seu coração; revela-nos sua intenção para conosco; mostra-nos a plenitude de seu amor. A fé que salva não é mero conhecimento de doutrinas sobre Cristo. Fé significa perceber e apanhar o que Cristo fez e faz **por nós**; significa, nas palavras da própria Reforma, contemplar o “amável coração” de Cristo e subir “pelo coração de Cristo (...) ao coração de Deus”³⁴. Cristo é o Deus **por nós**, que quer entrar no todo da nossa existência.

A teologia da Reforma é teologia da cruz. Não fala apenas do Cristo crucificado. A cruz aponta para algo muito mais profundo: a profundidade de Deus. Deus revela-se naquilo que, para olhos humanos, parece ser o contrário de Deus. Em 1 Co 1.18 o apóstolo Paulo escreve que, para a fé, a mensagem da cruz é “o poder de Deus”, mas, para olhos humanos, “ofensa” e “loucura”. Para a fé, a cruz de Cristo é sinal de vitória, mas, para olhos humanos, o fracasso do crucificado. A esco-

32 — LUTERO, Martim. [Prédica sobre Mt 11.2-10, de 1522]. In: — WA [Obras completas; edição de Weimar], v. 10/1/2, p. 158.

33 — LUTERO, Martim WA, v. 30/1, p. 192, ap. ALTHAUS, Paul. **Die Theologie Martin Luthers** [A teologia de Martin Lutero]. Gütersloh, Gütersloher Verlagshaus, 1962. p. 162.

34 — LUTERO, Martinho. Um sermão sobre a contemplação do santo sofrimento de Cristo. In: — **Obras selecionadas**; os primórdios; escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1987. v. 1, p. 255.

lha de Deus recai justamente naquilo que o mundo considera como fraco, humilde, sem importância (1 Co 1.27-28). A teologia da cruz opõe-se frontalmente à teologia da glória, que quer ver a Deus face a face. A Reforma trilha o caminho indicado em Êx 33.17-23. Deus faz passar sua glória diante de Moisés. É impossível vê-lo face a face. Só se pode vê-lo pelas costas. A majestade de Deus não pode ser encontrada, senão envolta em fraqueza e humildade, na humanidade de Cristo. Deus não deve ser procurado “nas alturas”, fora da história; só pode ser encontrado aqui, na realidade humana.

Segundo Mt 11.5 e Lc 7.18, “as Boas-Notícias do Evangelho são anunciadas aos pobres”. Interpretando essa mensagem bíblica, os reformadores dizem que a maior de todas as obras de Cristo é a pregação do evangelho aos pobres. Entendem isso como pregação da “promessa divina de todas as graças e de todo o consolo, oferecidos e apresentados em Cristo e através de Cristo”. Geralmente se pensa nos espiritualmente pobres ou nos “corações” pobres e miseráveis. Segundo essa concepção, o evangelho para os pobres é, antes de mais nada, perdão dos pecados, libertação da lei, redenção da consciência, dádiva da vida eterna³⁵. Fica como desafio para nossos dias trabalhar, a partir das bases lançadas pela Reforma, a questão da pobreza e miséria material.

8. Espiritualidade

A teologia da Reforma protestante está inseparavelmente ligada a duas manifestações básicas de espiritualidade, a saber, oração e meditação. Nos catecismos de Lutero, a oração é um dos três elementos principais da vida cristã, ao lado do crer e do agir. Não pode haver vida cristã sem oração. Melancthon, o amigo de Lutero e autor principal da confissão básica do luteranismo, a Confissão de Augsburg, até estava disposto a reconhecer a oração como sacramento³⁶. O catecismo de Lutero explica não apenas o Pai-Nosso, a oração que todos os cristãos têm em comum. Apresenta também, como exemplos, outras orações para o lar cristão. Um bom número de hinos nos hinários da Reforma são, a rigor, orações.

Orar quer dizer agradecer, pedir e louvar a Deus. Quem ora, entrega-se inteiramente nas mãos de Deus; ganha forças para resistir ao

35 — cf. LUTERO, Martim. [Prédica sobre Mt 11.2-10, de 1522]. In: — WA, v. 10/1/2, p. 158-9.

36 — MELANCHTHON, Filipe. Apologia da confissão [de Augsburg]. In: LIVRO DE CONCÓRDIA [v. acima n. 19]. art. XIII, 16 (p. 225).

poder destrutivo do mal. A oração sincera de maneira alguma pode ser rotineira. É um compromisso com Deus, a verdade e o bem, sobretudo o bem do próximo, pelo qual se intercede.

Também a meditação é tão indispensável na vida cristã como o pão de cada dia. A Reforma insiste em que sempre se medite a fé para que se possa vivê-la. Meditando, o cristão grava “em seu ser a palavra [de Deus] e Cristo”³⁷. A constante apropriação existencial da palavra de Deus é necessária sobretudo para quem quer capacitar-se para o trabalho pastoral. O cristão, por mais famoso que seja, jamais deixa de ser um discípulo da palavra de Deus. O próprio Lutero confessou:

“eu também sou doutor e pregador (...). Não obstante, faço como uma criança (...): de manhã, e quando quer que tenha tempo, leio e profiro, palavra por palavra, o Pai-Nosso, os Dez Mandamentos, o Credo, alguns salmos, etc. Tenho de continuar diariamente a ler e estudar, (...) e devo permanecer criança e aluno do Catecismo.”³⁸

A Reforma entende que toda a teologia nasce, em última análise, da palavra de Deus. Antes de se poder fazer teologia, pois, é necessário ouvir essa palavra e deixá-la falar.

Conclusão

Para concluir, podemos resumir as marcas teológicas da Reforma protestante no seguinte:

A Reforma deu um “novo testemunho da mensagem bíblica a respeito da justiça gratuita e libertadora de Deus”.

Ela apontou para “a prioridade da palavra de Deus na vida” dos cristãos e da igreja.

Ela chamou as pessoas à fé, entendida como “confiança absoluta” em Deus.

Ela compreendeu “a graça como relação pessoal de Deus com o ser humano”.

Ela mostrou que “somente pelo perdão de Deus” há esperança na e para a vida humana.

37 — LUTERO, Martin. **Da liberdade cristã** [v. acima n. 5], p. 13.

38 — LUTERO, Martinho. Catecismo maior. In: LIVRO DE CONCÓRDIA [v. acima n. 19]. Prefácio, §§ 7-8 (p. 388).

Ela chamou a igreja para a “permanente renovação pela palavra de Deus”.

Ela ensinou que a unidade dos cristãos no essencial permite diversidade de teologias e costumes.

Ela mostrou, finalmente, que só quem ora e medita compreende o verdadeiro Deus em profundidade³⁹.

39 — Estes aspectos foram apresentados, em 1983, como “legado e comissão” de Lutero, no documento católico-luterano publicado por ocasião dos 500 anos do nascimento do reformador (COMISSÃO MISTA CATÓLICO-LUTERANA INTERNACIONAL. *Martim Lutero — testemunha de Jesus Cristo* [v. acima n. 1], p. 293-4). Mas são marcas teológicas que caracterizam, em última análise, todo o movimento da Reforma protestante.